

NA BUSCA POR CIDADES POSSÍVEIS: AS AMBIÊNCIAS E A SUBJETIVIDADE COMO PILARES DESSA POSSIBILIDADE

LIRA, Elza Maria Rabelo; Mestre em Arquitetura e Urbanismo pela UFAL; Doutoranda em Arquitetura pela UFRJ; Programa de Pós-Graduação em Arquitetura (PROARQ); FAU-UFRJ; Rio de Janeiro; Brasil. elza_lira@yahoo.com.br

DUARTE, Cristiane Rose S.; Doutora em Geografia pela Université Pantheon-Sorbonne (França); Docente do Programa de Pós-Graduação em Arquitetura (PROARQ); Universidade Federal do Rio de Janeiro; Rio de Janeiro; Brasil. crsduarte@gmail.com

RESUMO

O discurso atual acerca da vida nas cidades soa quase sempre como um veredicto de que o princípio básico de sua definição, isto é, um complexo de uso e pertencimento coletivo, já não se apresenta mais como algo possível. Todavia, há exceção de algumas vozes que tentam ressoar uma posição contrária ao que parece ser esse discurso mais comum da atualidade. Essas, de uma maneira direta ou indireta, apontam para a observação do sujeito que permite afetar-se a partir do (re)conhecimento do outro, podendo ser o outro tanto um sujeito como o próprio *lugar*. É com base nesse entendimento, e a partir da exploração em busca da compreensão das ambiências urbanas, que este artigo propõe discursar. Queremos, assim como querem alguns pesquisadores da atualidade, entender o que é necessário para manter a possibilidade efetiva do cotidiano, da essência da vida nas cidades.

Palavras-chave: ambiências; alteridade; subjetividade; arquitetura; urban

ABSTRACT

The current discourse about life in the cities almost always sounds like a verdict that the basic principle of its definition, use as a complex and collective belonging, no longer appears as something possible. However, there are but a few voices that try to put a position contrary to that speech which seems to be more common nowadays. These, in a manner directly or indirectly point to the observation of the subject that allows affect up from the (re)cognition of the “other”, and may be as much a subject as the place itself. It is based on this understanding, and from exploration in search of understanding of urban ambiances, this article proposes a speech. We want, as well as some researchers today, understand what is needed to keep the effective possibility of daily life, the essence of life in cities.

Keywords: ambiances; othernes; subjectivity; architecture; urban

RESUMEN

El discurso actual sobre la vida en las ciudades casi siempre suena como un veredicto que el principio básico de su definición, es decir, un complejo de uso y pertenencia colectiva, ya no se presenta como algo posible. Sin embargo, no hay más que unas pocas voces que tratan de resonar una posición contraria a lo que parece ser el discurso más común hoy en día. Estos, de una manera directa o indirecta, puntan a la observación del sujeto que permite afectar a sí mismos a partir del (re) conocimiento del otro, puede ser otro como un sujeto o como el lugar en sí. Se basa en la comprensión y de la exploración en busca de la comprensión de ambientes urbanos, este artículo propone un discurso. Queremos así como algunos investigadores de hoy, entender lo que se necesita para mantener la posibilidad efectiva de la vida cotidiana, la esencia de la vida en las ciudades.

Palabras clave: ambiente, la otredad, la subjetividad, la arquitectura, urbano

NA BUSCA POR CIDADES POSSÍVEIS: AS AMBIÊNCIAS E A SUBJETIVIDADE COMO PILARES DESSA POSSIBILIDADE

INTRODUÇÃO

INICIANDO A CONSTRUÇÃO DE UM DISCURSO

O discurso atual acerca da vida nas cidades soa quase sempre como um veredicto de que o princípio básico de sua definição, isto é, um complexo de uso e pertencimento coletivo já não se apresenta mais como algo possível. A contemporaneidade, vista sob espectros dos adjetivos *efêmera*, *contingente*, *fugidia*, estende tais características para o entendimento de suas práticas, tanto dos comportamentos humanos quanto das tendências e de todos os tipos de produção, incluindo as de cunho arquitetônico.

Há, todavia, exceção de algumas vozes que tentam ressoar uma posição contrária ao que parece ser esse discurso mais comum da atualidade. Essas, de uma maneira direta ou indireta, apontam para a observação do sujeito que permite afetar-se a partir do (re)conhecimento do outro, podendo ser o *outro* tanto um sujeito como o próprio *lugar*.

Revestido dessa atitude, esse sujeito passa a ser um ser sensível (no sentido mais plural da palavra), que imprime uma “atmosfera” coletiva ao espaço e compartilha ambiências relevantes para a cidade (conceito que será explorado mais adiante).

A afetividade – entendida como um impulso, como potencialidade, como ação – aparece, portanto, como escopo dessa discussão, que se respalda na crença de que os sujeitos necessitam “afetar-se”, bem como “afetar” as ambiências urbanas quando as experimentam, estabelecendo nos espaços urbanos uma prática recíproca e, por consequência, “*recipro-cidades*”.

O termo reciprocidade significa *estado ou qualidade do que é recíproco, é o estabelecimento de uma troca equivalente, uma correspondência mútua*. Sendo assim, uma prática recíproca pressupõe uma ação dialética, de UM para OUTRO e vice-versa. Pensando o desenrolar dessa qualidade no espaço urbano, nos aproximamos da ideia aqui defendida, ou seja, possibilitamos a existência cidadina, já que a cidade requer coletividade e o coletivo, por sua vez, requer o OUTRO.

Isso posto, podemos colocar que o OUTRO é um elemento-chave do preâmbulo exposto, cujo entendimento recai sobre a *alteridade*, um conceito da psicologia que tem sido amplamente discutido correlativamente com outras áreas do saber, estando as ambiências também alicerçadas nessa compreensão.

Alteridade normalmente está relacionada a uma concepção que poderia ser traduzida como “estado, qualidade daquilo que é outro, distinto (antônimo de Identidade)” assim como também, “reconhecimento do outro que não si mesmo [...] relação de oposição entre o sujeito pensante (o eu) e o objeto pensado (o não eu)” (TUAN, 1983).

Para o enfoque acerca das ambiências, contudo, o entendimento de alteridade alicerça-se melhor quando a colocamos como entendimento de “rel-ações” com outrem(ns). Nesse sentido, pensar o urbano e, portanto, pensar as ambiências cidadinas, à luz da *ética da alteridade radical* (LÉVINAS, apud ALENCAR; FREIRE, 2007)¹, requer uma compreensão mais coletiva e ativa por parte do sujeito na busca pelo entendimento do outro, do diverso, das ambiências em sua potencialidade mais rica. É possibilitar ver o eu no outro e não somente querer ver o outro em mim.

A ética da alteridade radical empreende, portanto, um destronamento do *eu* em função do *outro*, ou seja, propõe um rompimento com a lógica identitária que utiliza, como

¹ Para Lévinas, o outro é inatingível, é ele que me afeta. Sendo assim, quando se busca uma alteridade ética, não é possibilitado pensar que a construção da subjetividade se dá somente por um processo ativo do eu sobre o outro, já que na lógica levinasiana me constituo pelo “traumatismo” (pela afetação) que o outro provoca em mim. (ALENCAR; FREIRE, 2007).

estratégia de proteção e estabilidade do eu, a transformação do outro no mesmo, defendendo, assim, o acolhimento incondicional da diferença, e vai de encontro à noção da apropriação como um processo de identificação. No entanto, Sansot (FREIRE, 2002 apud ALENCAR; FREIRE, 2007) defende que pode haver a apropriação de um ambiente sem a alteração desse, sendo imprescindível, contudo, que haja uma identificação com ele.

Nesse contexto, alguns pesquisadores vêm defendendo tal pensamento explorando a temática em discussão a partir da demonstração de exemplos, nos quais análises de fenômenos urbanos são feitas, e o princípio dinâmico da alteridade nos espaços em estudo é, de alguma maneira, avaliado.

Dentre os pesquisadores que se debruçam sobre tais concepções, destacaremos aqui Jacobs (1992, 2000), Milgram (2004), Mocellim (2007), Sansão (2011), Leitão (2011). Mediante contextualização dessas referências, respaldaremos as interfaces com a abordagem em tela.

1. EXPLORANDO CONTEXTOS

- AS AMBIÊNCIAS

“A vida é a arte do encontro, embora haja tantos desencontros pela vida.” A citação que inicia este tópico é uma tentativa de esboçarmos aquilo que acreditamos ser *ambiências*. De autoria do poeta Vinícius de Moraes, coloca, de maneira simples, o princípio básico da definição das ambiências — *vida e (des)encontro* — pois as ambiências necessitam do elemento humano e das interferências causadas por ele no ambiente para que possam ser qualificadas, isto é, a compreensão de como se dão os (des)encontros humanos nos e com os espaços é a base do estudo das ambiências.

Podemos, assim, entender a ambiência como um “conjunto” que envolve não apenas o espaço físico, mas também os fatores sensíveis, sociais e seus consequentes atributos

culturais. As ambiências funcionam como um agente de ligação entre as diversas sensações experimentadas pelos usuários das cidades, em uma dada situação. Elas não são percebidas pelas pessoas; na verdade, as pessoas percebem *de acordo* com elas e, assim, constroem sua ideia de mundo edificado e sua ideia de sociabilidade. (DUARTE et al., 2007)

No contexto exposto, complementamos a conceituação das ambiências com a colocação do urbanista Richard Sennett (1988), ao afirmar que: “as relações entre os corpos humanos no espaço é que determinam suas relações mútuas como se veem e se ouvem, como se tocam ou se distanciam”.

Essa segunda citação representa bem alguns aspectos embrionários acerca das ambiências, posto que elas mobilizam o corpo, convocam ao movimento; são indivisíveis, pois estabelecem lugares (no sentido do pertencimento); e estão em toda parte, participando do cotidiano das cidades; como acredita Thibaud (2004), elas corporificam o imaginário particular do praticante contemporâneo.

Walter Benjamin (1982, p. 46), por sua vez, afirmou que “habitar significa deixar rastros”; afirmação essa que também reforça o princípio do que é ambiência, já que acreditamos que ela se configura a partir da troca de experimentos humanos nos espaços; assim como também, a ambiência tem a capacidade de salvaguardar marcas do passado, as quais influenciam o presente na medida em que participam de novos experimentos.

Tais colocações se apresentam, portanto, como pontos de vista que, sob perspectivas diversas (a de um poeta, a de um filósofo e a de um sociólogo), ressaltam a importância das interações humanas e suas relações com o espaço; isto é, os conteúdos dessas citações reiteram a relevância do estudo das ambiências para a compreensão da prática humana e das dinâmicas urbanas.

Mocellim (2007), também embasado numa visão sociológica, afirma que hoje as cidades são lugares onde muitos podem viver de forma um tanto heterogênea: “Ela põe em contato as diferenças, e permite ao indivíduo, através de uma relativização da diferença —

relativização que é fruto do contato intensivo com a diferença que a cidade permite — uma maior liberdade de ação”.

A arquiteta e urbanista Lúcia Leitão vem igualmente discorrendo sobre entrelaçamentos entre o homem e os espaços, mais precisamente sobre a relação da arquitetura da cidade como um espelho do sentimento de pertencimento espacial. A autora acredita que “sob determinadas circunstâncias psíquicas muito particulares, a arquitetura da cidade se oferece como um espelho e, ao fazê-lo, propicia o sentimento de pertencimento espacial sem o qual o ser humano se sentiria exilado em sua casa” (LEITÃO, 2011).

Outra referência relevante para contextualização desta abordagem está posta no legado que Jane Jacobs (1992) deixou para os urbanistas. Apesar de não explorar especificamente o conceito de ambiências, a autora acredita que a vida das/nas cidades está essencialmente relacionada à diversidade, tanto de uso como de culturas, de tempos, de pessoas etc. Sendo assim, a diversidade se concretiza através da valorização da alteridade e pelo espectro da subjetividade, o que torna essa autora, assim como os demais citados, esteios nas noções de ambiência.

- SUBJETIVIDADE [AFETIVIDADE, ALTERIDADE] E A COMPREENSÃO DAS AMBIÊNCIAS

O termo afetividade vem sendo comumente relacionado à noção de apegar-se a alguma coisa, de afeiçoar-se a essa; todavia, ao imergirmos nas colocações aqui elaboradas e entrelaçarmos essas com a noção de ambiências em discussão, pensamos em afetividade como uma possibilidade de afetar-se com o outro, podendo o outro inclusive ser uma ambiência em experimentação.

Nesta abordagem, o “eu me afeiçoei a este lugar” soa bem diferente das possibilidades de apreensão das diversidades culturais, sensoriais, subjetivas que as ambiências podem proporcionar quando somos levados ao experimento do “este lugar me afeta”, ou seja, quando a afetividade é entendida como um impulso, como potencialidade, como ação,

fato esse que vem fundamentar melhor o pressuposto daquilo que consideramos ambiências e do que identificamos como o amálgama da vida citadina, sendo essa associada à multiplicidade e à diversidade, isto é, tudo que é contrário à imposição de fronteiras, à monotonia e à segregação.

Aprofundando o olhar sobre o processo do desencadear da afetividade no âmbito urbano, todos os elementos que promovem o encontro com o diferente, com o outro, são considerados relevantes para promoção e favorecimento de ambiências que qualificam o urbano na sua essência.

Podemos então aferir que esses fatores promoveriam a evocação de memórias na maioria das pessoas, fazendo aflorar assim a tão importante relação de afeto para com as ambiências. As pessoas que sentem afeto por um bairro, por exemplo, acabam colaborando, elas mesmas, para sua conservação; assim, poderíamos dizer que há um desejo de preservar essas memórias afetivas através da manutenção da *relação* com os lugares, em um esforço para cultivar a continuidade da promoção de ambiências nesses.

Dessa forma, acredita-se que quanto mais diversificadas forem as ambiências e as “afetividades” nos espaços públicos, maior será o sentimento de apego por parte dos sujeitos que usufruem de tais experiências, apego esse já preconizado por Jacobs como uma das molas propulsoras da vida nas cidades.

Compreende-se, enfim, que, para tanto, o sujeito que se permite afetar a partir do (re)conhecimento do outro é um ser sensível, que se sente seguro diante do diferente, pois permite ser parte desse diferente, e imprime um ar hospitaleiro nas ambiências por ele também constituídas, na medida em que não somente aceita e tolera o outro, porque isso seria ser passivo, mas que é sujeito e, portanto, subjetivo, permitindo afetar-se e ser afetivo, sobretudo com o outro mais rico e diverso — as múltiplas ambiências que compõem o urbano.

Torna-se essencial o desenvolvimento do sentimento de pertencimento espacial sem o qual o sujeito humano se sentiria exilado em sua própria casa. Por pertencimento espacial deve-se entender aqui a complexa rede de artimanhas psíquicas a partir da qual um espaço edificado se torna parte inseparável da subjetividade que caracteriza o humano. Um espaço pessoal e insubstituível. Um sentimento que permite, por exemplo, a alguém dizer minha cidade quando se refere a um ambiente que é, por definição, coletivo (LEITÃO, 2011).

Nessa abordagem, toda ambiência se configura através do elemento humano, de suas ações e sensações. Por isso se torna óbvia a necessidade de concentração — tanto de pessoas quanto de usos para o espaço.

Os habitantes de uma cidade não preferem contemplar o vazio, a ordem e o sossego palpável como os projetistas pensam. O prazer das pessoas de ver o movimento e outras pessoas é evidente em todas as cidades. Quanto mais estranhos houver na rua, mais divertida ela será (JACOBS, 1992, 2000).

A alteridade permite um posicionamento diante da nossa identidade com a cidade em que vivemos. Assim sendo, o espaço citadino pode ser explorado como um elemento que promove a existência de alteridades através das suas múltiplas ambiências. Portanto, a diversidade, sem segregação, é também considerada um elemento fundamental para que se constitua a esfera pública e a vida cidadina.

Considerando que as ambiências são elementos diretamente afetados (e podemos dizer, enriquecidos) pela diversidade existente no meio urbano, as cidades somente serão compreendidas e plenamente utilizadas quando houver combinações de usos, entendidos em seu conjunto e não separadamente.

As cidades apresentam um grande encanto por causa de sua variedade, seus eventos, suas possibilidades da escolha e uma atmosfera intensa de estimulação que muitos indivíduos consideram um *background* desejável para suas vidas (MILGRAM, 2004).

Milgram (2004) acredita que a dinâmica de grandes cidades produz tolerância substancialmente maior quanto a comportamento, vestuário e código de ética, do que geralmente é percebido em cidades pequenas. Isso reforça a crença de que quanto mais diversidade de outros, maior a afetação e, por consequência, maiores serão as possibilidades de convívios urbanos. Por outro lado, quanto mais diversidade existe, maior é o sentimento de individualidade, até como uma forma de respeitar a privacidade de cada um. “A cidade é, portanto, uma situação para a qual os indivíduos respondem adaptativamente” (MILGRAM, 2004).

Na mesma abordagem defendida por Milgram, Sansão (2011), utiliza em seus estudos o termo *amabilidade* como um atributo espacial que se manifesta através de conexões e interações entre pessoas e espaço, opondo-se ao individualismo que por muitas vezes caracteriza as formas de convívio coletivo contemporâneas. Para a autora, a amabilidade urbana é uma qualidade possível e alcançável, e em seus trabalhos, defende que ela pode ser motivada pela potência das intervenções temporárias nos espaços públicos.

Amabilidade significa a ação ou a qualidade de amável, o ato ou estado de comportamento que pressupõe a generosidade, o afeto ou a cortesia com o outro. É um termo que evoca a “proximidade” e a “abertura”, seja em seu uso corrente, seja aplicada aos espaços urbanos, tal e qual aqui desejo cunhá-la: a amabilidade urbana. Nesse sentido, poderia considerá-la como um atributo do espaço amável, daquele que promove ou facilita o afeto e a proximidade, opondo-se ao individualismo por muitas vezes característico das formas de convívio coletivo contemporâneas (SANSÃO, 2011, p. 24).

A partir do estudo de algumas intervenções temporárias no espaço público de cidades como Rio de Janeiro, Barcelona, projeto americano *Park(ing) Day* e o *Temporary Garden*, em Berlim, dentre outros, Sansão aponta para a possibilidade de excepcionalidade na vida da cidade, isto é, a cidade como palco da coletividade, promissor de reuniões e práticas “amáveis”.

Sendo assim, é com referência nos estudos citados que defendemos a crença na qual compreender as ambiências seria, enfim, definir o que significa a atmosfera de uma cidade e apontar os fatores que a causam.

Nesse sentido, a observação das práticas cotidianas mostra-se uma rica fonte de informação para o aprofundamento do estudo das ambiências, mostrando que são elas, as ambiências, que configuram um lugar, e que são capazes de transformar um mesmo suporte espacial em diferentes lugares. Pela variação das formas de apropriação, as ambiências tornam-se matizes de configurações de numerosos e variados espaços físicos (DUARTE et al., 2007).

Ainda nessa abordagem, vale ressaltar a importância do estudo da alteridade no contexto revelado, posto que não é possível se pensar que a construção da subjetividade se dá somente por um processo ativo do eu sobre o outro, porque antes da existência do eu já existia o outro, que sempre o antecede (FREIRE, 2002 apud ALENCAR; FREIRE, 2007).

Assim, o homem passa a ser então entendido como um ente determinado pela ação do Outro, pensando nesse como a natureza sem mim, ou seja, tudo o que me excede. Rolnik (1992), por sua vez, chama a atenção para o processo intrínseco da subjetividade, resultante do encontro com o outro, não só humano. Esse é desestabilizador e, enquanto tal, anunciador do novo, produtor de heterogênese.

Segundo Vygotski (1991), esse encontro pode promover tanto a heterogênese quanto a homogênese, visto que é uma constante em toda e qualquer atividade humana. Vygotski (1991, p. 95) refere-se também aos signos como “dispositivos sociais para o domínio dos processos próprios ou alheios”, como instrumentos que reorganizam a operação psíquica na medida em que possibilitam a regulação da própria conduta. Permitem, assim, a inserção do homem na ordem da cultura e o estabelecimento de relações qualitativamente diferenciadas com a realidade: ao invés de diretas e imediatas, essas passam a ser mediadas pelos signos, pela cultura. Os signos, portanto, relacionam inexoravelmente sujeito e sociedade, eu e outro.

2. ÚLTIMAS CONSIDERAÇÕES

Podemos considerar, por fim, que os habitats urbanos da contemporaneidade e suas dinâmicas requerem uma prática do sensível sob as ambiências que os constituem, já que compreendem elementos de múltiplas esferas (sociais, culturais, afetivas, físicoambientais, política, econômica etc.), as quais, muitas vezes, extrapolam ao local, quando subordinadas a uma referência mundial.

Este ensaio se propôs, portanto, a pontuar observações que podem servir de referenciais pelos quais podemos identificar pontos de vista epistemológicos, os quais qualificam o que aqui se acredita ser a essência cidadina — e por que não dizer, as ambiências urbanas. Ambiência, parafraseando o que Holanda (2002) definiu como arquitetura, “não é uma coisa, mas sim uma certa família de relações com as coisas, mais precisamente, de certas relações do homem com o espaço”.

A ética da alteridade preza pela possibilidade de diversidade, de diferença dos entes no mundo, compreende o acolhimento do outro, não condicionado pela identidade que lhe possa ser atribuída, mas, unicamente, pelo rosto através do qual se apresenta.

O sentimento de segurança contra as ameaças que o desconhecido, o novo, o estranho e o estrangeiro incitam, ou seja, essa busca de familiaridade e de identidade, tão apreciada nessas categorias estudadas, é o que, a nosso ver, promove a exclusão do diferente e a tentativa de aniquilá-lo.

Não seria possível, então, se pensar em uma sociedade que fosse capaz de acolher o que lhe é estranho, diferente, que excedesse a possibilidade de compreensão e de controle?

A cidade não só deixa de ser cenário, mas, mais do que isso, ela ganha corpo a partir do momento em que ela é praticada, se torna “outro” corpo. Dessa relação entre o corpo do cidadão e esse “outro corpo urbano” pode surgir outra forma de apreensão urbana e,

consequentemente, de reflexão e de intervenção na cidade contemporânea (JACQUES, 2008, apud SANSÃO, 2011).

REFERÊNCIAS

ALENCAR, H; FREIRE, L. O lugar da alteridade na Psicologia Ambiental. **Revista Mal-Estar e Subjetividade**, Fortaleza, v. VII, n. 2, p. 305-328, 2007.

ARGAN, G. **A história da arte como a história da cidade**. São Paulo: Martins Fontes, 1992.

BAUMAN, Z. **Modernidade líquida**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed, 2006.

_____. **Tempos líquidos**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed, 2007.

DELEUZE, G.; GUATTARI, F. **Mil platôs: capitalismo e esquizofrenia**. Tradução de Aurélio Guerra Neto e Célia Pinto Costa. São Paulo: Ed.34, 1995. v. 1.

_____. **O que é Filosofia?** Tradução de Bento Prado Jr. e Alberto Alonso. São Paulo: Ed. 34, 1996.

DUARTE et al. **As ambiências qualificam**. Relatório de pesquisa. Rio de Janeiro: PROARQ/UFRJ, 2007.

HALL, E. T. **A dimensão oculta**. São Paulo: Martins Fontes, 2005.

HOLANDA, F. **O espaço da exceção**. Brasília: UnB, 2002.

JACOBS, J. **The death and life of great American cities**. Vintage Books, 1992.

_____. **Vida e morte de grandes cidades**. São Paulo: Martins Fontes, 2000.

LEITÃO, L. Ver a cidade, ver a si mesmo. **Cadernos Proarq**, Rio de Janeiro, n. 17, p. 159-170, 2011.

MILGRAN, S. **A experiência de viver na cidade: adaptações à sobrecarga urbana criam qualidades características à vida nas cidades que podem ser mensuradas**. Brasília: UnB. 2004. (Série Textos de psicologia ambiental)

MOCELLIM, A. Simmel e Bauman: modernidade e individualização. **Revista eletrônica: EMTESE**, Santa Catarina, 2007. Site: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/emtese>

ROLNIK, S. Diálogo e alteridade. **Boletim de Novidades**, v. 5, n. 44, p. 35-44, 1992.

SANSÃO, A. Amabilidade urbana: a qualidade do espaço-tempo da intervenção temporária. **Cadernos Proarq**, Rio de Janeiro, n. 17, p. 22-41, 2011.

SANTANA, E. **Cidade-entre: dimensões do sensível em arquitetura**. 2010. Tese (Doutorado em Arquitetura)—Faculdade de Arquitetura e Urbanismo, Universidade Federal do Rio de Janeiro. Rio de Janeiro, 2010.

SENNETT, Richard. **Carne e Pedra: o corpo e a cidade na civilização ocidental**. Rio de Janeiro, Record, 1997.

THIBAUD, J. P. O ambiente sensorial das cidades: para uma abordagem de Ambiências urbanas. In: TASSARA, E. T. O.; RABINOVICH, E. P.; GUEDES, M. C. (Ed.). **Psicologia e ambiente**. São Paulo: Educ, 2004.

TUAN, Y.-F. **Espaço e lugar: a perspectiva da experiência**. Tradução de Livia de Oliveira. São Paulo: Difel, 1983.

VYGOTSKI, L. S. **Obras escogidas I: problemas teóricos y metodológicos de la psicología**. Madrid: Visor. 1991.

ZANELLA, A. Sujeito e alteridade: reflexões a partir da psicologia histórico-cultural. **Revista Psicologia & Sociedade**, Santa Catarina, n. 17, n. 2, p. 99-104, 2005.